



**ETNICIDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
BAIXÃO - VITÓRIA DA CONQUISTA/BAHIA**

Vivian Ingridy de Carvalho Lima¹
Washington Santos Nascimento²

INTRODUÇÃO

O Baixão é uma comunidade negra, localizada na zona rural do município de Vitória da Conquista - BA, distante a 13 km do centro da cidade, sentido a BA-262, próximo ao Distrito do Pradoso. A comunidade tem a sua carta de certificação com o nome Lagoa Maria de Clemência, comunidade certificada pela Fundação Palmares em 2006.

Ainda que recente, o pertencimento étnico enquanto quilombola significou o fortalecimento de vínculos comunitários entre os moradores, voltando-se à reconstituição de seu passado histórico e das contribuições dos antepassados na perpetuação de suas práticas cotidianas e tradicionais. Nesse processo, destacamos aqui a relevância do número significativo de estudantes universitários na comunidade e do protagonismo feminino na constituição da associação da comunidade para essas redes educativas.

Na comunidade, os saberes e práticas estão muito fortemente relacionados com vínculos familiares e aos conhecimentos herdados de seus antepassados, que são marcas da etnicidade das matrizes africanas e indígenas, como também europeias, deixados para as atuais gerações que foram e estão sendo ressignificados desde as suas origens.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho, que é uma pesquisa em andamento, é apresentar os principais saberes chamados de tradicionais e não formais e, como essas práticas estão imbricadas às práticas formais, levando em consideração tanto as heranças dos antepassados como a influência de outras redes educativas.

A etnicidade no Baixão é um processo contínuo de interação social que está representada nas rezas, no reisado, na feira, na religiosidade e em seu cotidiano, entre outros vínculos, esses traços culturais são elementos chaves para a compreensão da

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Endereço eletrônico: vi_icarvalho@yahoo.com.br

2 Professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –UESB. Endereço eletrônico: washingtonprof@gmail.com



história da comunidade, de seus pertencimentos e das relações étnicas do grupo. Nesse sentido, concordamos com Frederick Barth (1998) onde salienta que,

A etnicidade assegura a unidade efetiva do grupo tanto quanto pressupõe seu caráter constituído (corporate). A especificidade da organização social étnica decorre do papel que nela desempenham os contrastes culturais, mas esse papel não pode ser dissociado dos processos de manifestações de identidades³.

Dessa forma, as interações sociais e a organização étnica no quilombo se dão de diferentes formas em seu cotidiano e que derivam “da constituição de espaços cênicos e das operações externas que os autores aí realizam uns com os outros. É nesses espaços que os atributos naturais adquirem um valor expressivo [...] como reivindicação a ser julgada ‘como um certo tipo de pessoa’, reivindicação pública que necessita ser publicamente validada e ratificada e que supõe um idioma convencional comum (BATH, 1998, p. 112).

Para tanto, trazemos também as colaborações de Arruti(2014) que traz a seguinte definição sobre a categoria, destituindo o lugar da raça como categoria explicativa, e que vai ao encontro do problema proposto por esta pesquisa. Segundo o teórico,

‘eticidade’ não deriva diretamente do substantivo ethné (etni-), mas do adjetivo ethnikos (etnici-), ao qual se agrega um sentido de ação. Mesmo do ponto de vista estritamente semântico e filológico, portanto, as passagens de etnia, para étnico e deste para etnicidade nos indicam as transformações da coisa em qualidade e, nesta, do predicado em comportamento⁴.

METODOLOGIA

A partir de fontes orais de moradores da comunidade, principalmente dos mais velhos, e da imersão no dia-a-dia do quilombo procurou-se investigar a memória coletiva da comunidade referente aos antepassados, esquadrihando vestígios que remetem a uma origem comum, sobre sua genealogia e os elementos étnicos derivados da herança africana e de outros grupos, que por sua vez, constituem esta comunidade enquanto uma organização social e étnica, legado este, referente aos antepassados que se apresenta ora

3 Idem, p. 112.

4 ARRUTI. José Maurício, Etnicidade. In: SANSONE. Lívio, FURTADO. Cláudio A., (Orgs.) Dicionário crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 199.



sutilmente, ora manifesto no cotidiano e nas mais variadas tradições do Baixão.

Nesse processo de reconstituição foi preciso ir às raízes de sua ancestralidade para investigar a trajetória e a memória da comunidade, sendo considerados estes moradores como “os guardiões da memória” pelo quilombo. Jaques Le Goff (2003) os define como especialistas da memória, homens-memória, genealogistas. Posteriormente tornou-se relevante incluir novos depoentes, como é o caso de algumas representantes da associação da comunidade e de outros moradores, possibilitando maior alcance em nosso problema de pesquisa.

Destacamos também, as contribuições José Carlos Sabe Bom Meihy (2005) que ressalta que por meio da história oral os movimentos e grupos minoritários têm espaço para as narratividades, dando sentido social às experiências vividas e narrando ao seu modo uma versão dos fatos e não os fatos em si, pois cada vez que são repetidas carregam diferenças significativas produzindo uma mediação entre a memória e a história.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na comunidade, os saberes e práticas estão muito fortemente relacionados com vínculos familiares, e aos conhecimentos herdados de seus antepassados que são marcas da etnicidade que consideramos aqui como os saberes, práticas e tradições onde estão imbrincadas as relações étnicas e a ancestralidade, que são fatores constitutivos que caracterizam esta comunidade negra rural fincada suas raízes principalmente, no legado africano e de outros grupos, como o indígena. É importante destacar que nessas relações a etnicidade está imbrincada e dizer aonde começa a influência de um grupo étnico e termina a de outro, torna-se uma questão problemática e corre sério risco de cair em eufemismos.

Estas formas de interação social e étnica tem forte impacto na identidade coletiva e local dos moradores da comunidade e em particular, em suas práticas educativas. Dito de outro modo, esses elementos étnicos corroboram para a coesão do grupo no sentido de reverberar seus pertencimentos, tendo como base os princípios de solidariedade e de parentesco e que é a base para os processos educativos formais e não formais no Baixão.

Palavras-chave: Comunidade quilombola. Práticas educativas. Etnicidade.



REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Andion. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 7-38, Oct. 1997.

ARRUTI, José Maurício. 2014. “Etnicidade”. In: **Dicionário Crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa** / Org.: Lívio Sansone e Claudio Furtado. Salvador: EdUFBA / ABA (p. 199-214).

BARTH, Frederik. In: Poutignat, Philippe. **Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras** de Frederik Barth/Philippe Poutignat, Joceline Streiff-Fernat. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.